



UM ESTUDO SOBRE AS BATALHAS DE RAP NA CIDADE DE SÃO PAULO

A Study on RAP Battles in the City of São Paulo

RESUMO

Em um contexto marcado por opressões estruturais, movimentos comunitários que fortalecem laços sociais e promovem reflexões críticas são fundamentais. Este estudo teve como objetivo investigar o potencial emancipatório das batalhas de RAP, por meio da análise das composições dos finalistas. Busca-se compreender, a partir das representações sociais e de mundo presentes nas rimas, se essas organizações populares contribuem para a libertação histórica, ao fomentar reflexão crítica sobre temas cotidianos e favorecer processos de desideologização. Participaram seis *rappers* finalistas, maiores de 18 anos, devidamente esclarecidos e de acordo com os termos do estudo. A coleta de dados ocorreu na zona leste de São Paulo, durante eventos de rima com temas sugeridos pelo público. As composições espontâneas foram gravadas e analisadas com base na teoria crítica da psicologia social. Os resultados indicam que os participantes expressam posturas de oposição e contestação frente aos mecanismos de dominação, revelando uma visão crítica que desvela ideologias e evidencia a dialética da inclusão-exclusão. Conclui-se que essas práticas culturais podem contribuir para a emancipação social, reforçando seu papel como ferramenta de transformação.

Fernanda Braghittoni de Santi

Graduada em Psicologia pela Universidade Paulista – UNIP; Especialista em Gestão das Políticas sociais; Especialista em Terapias Corporais e Artísticas em Psicologia Analítica. Atende em consultório particular *online*. São Paulo – SP, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-6384-2067>

José Raimundo Evangelista da Costa

Graduado em Psicologia; Especialista em saúde mental e atenção psicossocial; Especialista em filosofia e direitos humanos; Especialista em Psicanálise; Mestre em Bioética; Doutor em Psicologia Clínica; Formação em psicanálise; Pós-doutorado em Psicologia (*Posdoctorado en Psicología con orientación en Metodología de Investigación de Revisión, con énfasis en Atención psicoanalítica en línea*). Experiência na área de psicologia, psicanálise e educação superior, com ênfase em psicologia clínica, sexualidade, práticas psicossociais, psicopatologia, psicanálise e saúde mental; Professor titular do curso de Graduação em Psicologia da Universidade Paulista – UNIP; Orientador de Iniciação Científica - linhas de pesquisa: 01 – Psicopatologia psicanalítica e contemporaneidade; 02 - Saúde mental e práticas psicossociais; 03 – Sexualidade: diversidade sexual e de gênero; 04 – Conexões virtuais: clínica psicanalítica *online*; 05 – Psicanálise: clínica e cultura. Atende em consultório particular presencial e *online*. São Paulo – SP, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-5119-4752>

PALAVRAS-CHAVES: Participação Social; Representações Sociais; Cultura Urbana; Psicologia Social Crítica.

**ABSTRACT**

Autor correspondente:*Fernanda Braghittoni de Santi**febraghi@gmail.com

Recebido em: [30-06-2025]

Publicado em: [07-07-2025]

In a context marked by structural oppression, community movements that strengthen social bonds and promote critical reflection are essential. This study aimed to investigate the emancipatory potential of RAP battles by analyzing the finalists' compositions. It seeks to understand, based on the social and world representations present in the rhymes, whether these popular organizations contribute to historical liberation by fostering critical thinking on everyday issues and promoting processes of de-ideologization. Six finalists participated, all rappers over 18 years old, properly informed and in agreement with the study's terms. Data collection took place in the eastern zone of São Paulo, during rhyme events based on topics suggested by the audience. The spontaneous compositions were recorded and analyzed using the framework of critical social psychology. The results indicate that participants express opposition and contestation toward mechanisms of domination, revealing a critical perspective that exposes dominant ideologies and highlights the dialectic of inclusion and exclusion. It is concluded that such cultural practices can contribute to social emancipation, reinforcing their role as tools for transformation.

KEYWORDS: Social Participation, Social Representations, Urban Culture, Critical Social Psychology.



INTRODUÇÃO

Participação Política

A política diz respeito à vida em comum na sociedade. Para Dallari (1996), ela se configura como a conjunção de ações individuais e coletivas voltadas para um objetivo comum. A ação política pressupõe a existência de normas de conduta e decisões que promovam uma organização social orientada à satisfação de necessidades compartilhadas por todos os seres humanos. Trata-se de uma construção social, mediada por relações dialéticas, na qual o indivíduo, ao interagir, transforma e é transformado.

É essencial que um número significativo de pessoas assuma um papel ativo na sociedade, expressando-se e fazendo-se ouvir. Quando muitos adotam uma postura passiva, delegando a outros a responsabilidade por suas necessidades, corre-se o risco de que uma minoria – mais audaciosa e articulada – imponha uma ordem injusta, frequentemente prejudicial à maioria (Dallari, 1996).

Essa ordem assimétrica é fruto de relações dialéticas pautadas na exclusão e dominação. Para Guareschi (1996), a dominação configura-se como uma relação entre pessoas ou grupos em que uma das partes expropria o poder da outra, tratando-a de forma desigual. A dominação econômica, originada das dominações política e cultural, é considerada a principal forma, pois resulta da expropriação da capacidade de trabalho do outro.

Além disso, Guareschi (2009) destaca que, ao tomarem consciência de sua condição de opressão, os indivíduos tendem a buscar sua superação. Apenas aqueles que se encontram profundamente subjugados permanecem inertes. Tal movimento de resistência, no entanto, também tende a provocar reações entre os que detêm privilégios, temerosos de perder as vantagens garantidas por essa estrutura.

Contudo, é desafiador para indivíduos oprimidos e marginalizados tomar consciência de seu potencial transformador da realidade social. Sawaia (2004) propõe que essas pessoas se encontram em situação de sofrimento ético-político, definido como “a dor mediada pelas injustiças sociais” (p. 102). Mais adiante, a autora complementa: “o sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor” (p. 104).



A superação desse sofrimento e a transformação das virtudes humanas dependem do desenvolvimento de valores éticos que se manifestam por meio de sentimentos, desejos e necessidades. Segundo Sawaia (2004), potência é “o direito que cada indivíduo tem de ser, de se afirmar, de se expandir” (p. 111), o que só se concretiza na união com outros, por meio de ações movidas por afeto e alegria, pensamento livre de submissão e distanciamento do medo, da tristeza e da superstição – esta última alimentada por condições políticas marcadas pela desigualdade e dominação (p. 100).

Dessa forma, para que ocorra uma participação ativa nas decisões sociais, é imprescindível uma transformação interior. Esse processo deve começar dentro de cada indivíduo e se refletir em suas ações no mundo. A conscientização e a organização figuram como algumas das formas mais eficazes de participação política. Conscientizar é contribuir para que a pessoa saia do estado de alienação; organizar é atuar concretamente, oferecendo ideias e recursos que permitam a grupos unir esforços em prol de mudanças (Dallari, 1996).

Participação Cultural

Para Coelho (1989), a cultura é a produção simbólica de um grupo, como uma teia de significados na qual o indivíduo está inserido. O comportamento humano é orientado para objetivos e também carrega significados. A manifestação cultural, então, é o que retira o indivíduo da indiferença e o mobiliza para a busca de diferenciação – um deslocamento de um estado estático para o de ser um contínuo processo.

Nas palavras do autor:

A cultura em suas manifestações radicais (como a arte) procura e viabiliza o êxtase, o sair para fora de si, sair do contexto em que se está para ver outra coisa, para ver melhor, para ver além, para enxergar sobre, acima, por cima, para ver por dentro (Coelho, 1989, p. 29).

Coelho (1989) propõe a arte-ação como forma de revitalizar os laços comunitários enfraquecidos e os interiores individuais dilacerados pela fragmentação cotidiana. Trata-se de uma expressão artística livre, libertária e questionadora, que se alimenta de tudo o que surge à mente e que é movida pela potência criadora. Essa forma de pensar é transformadora, pois observa a realidade como se fosse pela primeira vez e carrega o espírito da utopia.



RAP e Sociedade

A vida nas grandes cidades é marcada por diversas formas de violência, que, embora coletivamente partilhadas, são vividas de maneira desigual. O ambiente urbano abriga indivíduos em condições extremas de riqueza e miséria, convivendo lado a lado. Essas disparidades são características de uma sociedade capitalista marcada pela concentração de riquezas (Mello, 2004).

A realidade é um processo em constante constituição, determinado pelas relações entre os homens e destes com a natureza, bem como pelas significações atribuídas a essas relações. Contudo, em uma sociedade dividida por classes, as ideias e representações são frequentemente moldadas e disseminadas pela classe dominante, com o objetivo de legitimar e manter seu poder econômico, social e político, ocultando as relações reais de dominação e exploração (Chauí, 2001).

Esse fenômeno é denominado ideologia. Os ideólogos, segundo Chauí (2001), são os membros da sociedade que, pela divisão social do trabalho, têm a tarefa de organizar ideias e construir representações coletivas que favoreçam a visão da classe dominante.

Sob uma perspectiva histórico-materialista, a realidade é resultado de um processo cultural de interiorização e exteriorização da produção humana. Conforme Sawaia (2004, p. 108), “a sociedade inclui o trabalhador alienando-o de seu esforço vital”, impedindo-o de se reconhecer como autor da própria história. Assim, “a inclusão social é processo de disciplinarização dos excluídos, portanto, um processo de controle social e manutenção da ordem na desigualdade social” (p. 107-108).

Contudo, os homens podem tanto reproduzir quanto transformar essas relações. Quando uma classe social compreende sua condição, pode se organizar para romper com a ideologia dominante e alterar a estrutura social. A história, portanto, é o modo real pelo qual homens reais produzem suas condições de existência, sendo que a consciência está ligada diretamente às condições materiais dessa produção (Chauí, 2001).

No contexto urbano, os jovens são especialmente vulneráveis às contradições geradas pelas desigualdades, pois se encontram em uma fase de experimentação e busca. Quando não encontram respostas na escola, na família ou em seus bairros, buscam alternativas nas ruas – espaços desestruturados que oferecem tanto riscos quanto possibilidades (Mello, 2004).

No Brasil, o RAP (*Rhythm And Poetry*) alterou o cotidiano de milhares de jovens ao oferecer uma forma de expressão da vida cotidiana. Ao analisar a relação entre RAP e



sociedade, percebe-se que as tensões sociais também se manifestam na cultura, servindo como canal para expressar insatisfações frente às injustiças e discriminações. O RAP permite compreender a história a partir da perspectiva das minorias historicamente silenciadas. Como afirma Oliveira (2015, p. 27):

afinal, o RAP abre espaço para a construção de representações sobre a sociedade brasileira, articulando as narrativas das dores, das visões de mundo, da violência e do racismo presentes na história contemporânea. Ele é uma importante via para adentrarmos no terreno dos conflitos, das tensões e do poder que opera desigualmente na vida social, conduzindo-nos a repensar os processos sócio-históricos no Brasil atual.

Assim, a política transcende instituições e partidos, manifestando-se em espaços públicos como praças e escolas – locais onde os oprimidos podem se expressar. Segundo Oliveira (2015, p. 109 -110), “o simples fato de existirem e se fazerem presentes na trama social já é, por si só, um ato político”. Nesse contexto, o RAP torna-se um veículo de manifestação política ao “problematizar os aspectos sociais contemporâneos e ao fazer circular opiniões sobre modos de ser e estar na sociedade” (p. 110).

A sensibilidade do RAP reside em sua conexão com o cotidiano. As composições revelam a interlocução entre contexto social e experiências pessoais, resultando em representações dramáticas da realidade vivida. Oliveira (2015) afirma que essas criações podem ser lidas como sistemas de significação que interpretam a vida cotidiana à luz das condições materiais, da política, dos costumes, símbolos e valores da sociedade contemporânea.

Para o autor, os *rappers* frequentemente induzem à reflexão e, eventualmente, podem mobilizar ações capazes de transformar radicalmente a ordem dominante, pois seus discursos se opõem aos valores do mercado e às normas imperantes do mundo do trabalho (Oliveira, 2015)

O estudo teve como objetivo investigar o potencial emancipatório das “batalhas de RAP” por meio da análise das composições dos finalistas. Busca-se compreender, com base nas representações sociais e de mundo que as fundamentam, se essas organizações populares contribuem para a libertação histórica ao fomentar reflexão crítica sobre temas cotidianos e favorecer processos de desideologização.



MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada com seis participantes, todos *rappers* maiores de idade, devidamente esclarecidos quanto aos objetivos do estudo e que aceitaram participar de forma voluntária mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram adotados como critérios de inclusão: ser finalista nas batalhas de RAP observadas, ter idade igual ou superior a 18 anos e demonstrar concordância com os termos da pesquisa. Foram excluídos os participantes desclassificados das competições e/ou menores de idade.

A coleta de dados ocorreu na zona leste de São Paulo, durante eventos denominados “batalhas de conhecimento” – competições de rimas pautadas em temas sugeridos pelo público. Foram visitadas diferentes batalhas na região com o intuito de selecionar aquelas mais adequadas ao escopo do estudo. Após contato prévio com os organizadores e alinhamento ético-informativo sobre os objetivos da pesquisa, os eventos foram acompanhados até a final.

As composições orais espontâneas dos dois finalistas foram gravadas em três encontros distintos, cada um com um tema proposto pelos pesquisadores: 1º dia – “A Escola”; 2º dia – “O Trabalho”; 3º dia – “O Dinheiro”.

Tendo em vista a necessidade de mais dias para a etapa de coleta de dados, um tema foi repetido em locais diferentes.

A pesquisa, para ser realizada, foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa e aprovada sob o protocolo CAAE nº 73331517.7.0000.5512.

RESULTADOS

No primeiro dia de coleta de dados os organizadores do evento prontamente se dispuseram a colaborar, facilitando o processo. Neste dia apenas um dos finalistas se enquadrava no critério de maioria para a participação.

No segundo e terceiro dia de coleta de dados, a competição de rimas se deu em uma modalidade diferente da temática que era esperada. Conhecida como “sangue”, tal modalidade consiste em ataques mútuos entre os *rappers* adversários. Tal configuração impossibilitou a realização da pesquisa.



No entanto, entre imprevistos e intempéries, a coleta de dados se deu como proposto, e os resultados – a composição espontânea dos *rappers* frente aos temas indicados – serão apresentados a seguir em uma síntese, destacando trechos significativos.

As composições sobre a escola retratam um ambiente de contradições, onde a educação formal é contrastada com as vivências periféricas. Na composição 1 o MC narra sua trajetória escolar, destacando a marginalização dentro da sala de aula: "Foi no fundão da sala que eu escrevi os meus RAP" e suas experiências afetivas "E na terceira série que eu conquistei a minha namoradina". Também critica o estímulo à frequência escolar, baseado na fome: "Menor vai pra escola merendar, pois não tem comida em casa".

Já na composição 2, a escola é associada a um sistema opressor, em que o espaço da rua se torna mais atraente: "A rua me atraía mais do que a escola". A crítica se aprofunda na padronização do ensino: "Todos tinham que seguir os mesmos padrões / Avaliados como mocinhos e vilões".

O trabalho é abordado tanto como expressão artística quanto como sobrevivência. Na Composição 3, o RAP é descrito como uma missão que transcende o ganho financeiro: "Isso é mais que um trabalho, isso é minha vida", enquanto reconhece a luta de outros: "Mãe solteira que trabalha pra sustentar a casa".

Na Composição 4, a precariedade do trabalho no Brasil é denunciada, com menção a estratégias informais de renda: "Vários mano vendendo no busão". A letra ecoa a crítica à falta de oportunidades, reforçando que, mesmo com esforço, a ascensão social é limitada: "Infelizmente essa palavra, no Brasil, tá precário".

As letras sobre dinheiro expõem a desigualdade econômica e a corrupção sistêmica. Na Composição 5, o dinheiro é associado ao poder opressor, com críticas à elite política e religiosa: "Enquanto eles roubam e roubam várias vez / Roubam e nós sem conseguir pagar as contas do mês".

A Composição 6 reflete sobre a origem do dinheiro como instrumento de dominação: "O ser humano foi lá, começou a se matar / Pra poder saquear". O trecho "Tinha que ter dinheiro pelo menos pra poder ter o próprio sustento" sintetiza a demanda por dignidade básica, contrastando com a realidade brasileira de exclusão.



DISCUSSÃO

Pelas composições é possível identificar a estética que é própria do *freestyle* – vertente do RAP que é utilizada nas batalhas e na qual o improvisado é valorizado. Neste sentido, além de servirem de apoio ao MC, as palavras repetidas e os chavões afirmam um estilo que reflete as tradições do *RAP* (Teperman, 2013).

Tema Escola

Nas composições que abordam a escola, observa-se uma postura crítica por parte dos MCs em relação ao sistema tradicional de ensino. Ambos se mostram resistentes às tarefas impostas e buscam outras formas de aprendizagem, baseadas em suas vivências corporais, afetivas e ambientais.

Dewey (1997 *apud* Cupertino, 2008) destaca que a qualidade da experiência deve ser o objetivo de qualquer processo educacional. Ele contrapõe dois modelos: o tradicional e o progressista. Enquanto o primeiro se ancora na autoridade, disciplina e conteúdos textuais, o segundo valoriza a individualidade, a atividade livre e o aprendizado pela experiência.

A menção ao “fundão da sala”, feita por um dos MCs, remete às representações sociais de desinteresse escolar. Isso se confirma quando ele relata que escrevia RAP e pichava o caderno durante as aulas. Jordão (2001 *apud* Cupertino, 2008) ressalta que o aprendizado autêntico passa pelo autoconhecimento e pela valorização do tempo ocioso, que permite a transformação pessoal e a expressão artística por meio do corpo, do gesto, da palavra e do grafismo

Ainda assim, o MC reconhece a importância da escola, lembrando que foi ali que aprendeu a escrever. Por outro lado, ao refletir sobre os namoros escolares – compreendidos como formas de experimentar-se na relação afetiva – ele opõe o investimento em um futuro remoto à valorização do presente, como aponta Dewey (1997 *apud* Cupertino, 2008).

Este autor também destaca que há propósitos movidos por um apelo vital, e não pela aquisição de competências técnicas. E que apelo seria mais potente que a dor provocada pela fome? O *rapper* dá voz ao sofrimento de muitas crianças brasileiras em situação de vulnerabilidade (Dewey, 1997 *apud* Cupertino, 2008).

Dayrell (2003, p. 41) observa que, em nome do “vir a ser” do aluno, representado pelo diploma e pelas projeções de futuro, a escola tradicional tende a ignorar o presente vivido pelos



jovens e suas questões existenciais mais amplas. Segundo o autor, a escola se apresenta, para muitos, como uma obrigação apenas suportada. Assim, a composição do MC pode ser interpretada como uma crítica ao modelo que está em crise justamente por seu descompasso com as formas atuais de expressão e aquisição de saberes.

Na segunda composição, isso se torna ainda mais evidente. O MC relata experiências pessoais que lhe trouxeram aprendizados, destacando a necessidade de resistir à “insanidade da escola da vida”. Ele fala da urgência de criar formas de lidar com uma realidade violenta e inóspita.

Surge, então, um impasse entre duas representações: a da existência como destino traçado e enquanto história a ser construída. Essas visões podem resultar tanto na aceitação passiva das condições de vida quanto no engajamento para transformar a realidade e potencializar virtudes.

A escola, nesse contexto, afasta alunos que se identificam com formas mais vivenciais de aprender. O MC expressa o sentimento de inadequação que era suscitado pelo modelo tradicional de ensino, que preza pela obediência, pelas normas, padrões de comportamento e avalia quem é digno de notas e prestígio e aqueles a quem se deve excluir e desvalorizar. Sentindo-se inadequado, o MC buscou reconhecimento na rua.

Simões e Campos (2016) observam que “é na rua, e através da rua, que as redes se firmam e reforçam, que as expressões ganham vida e que, portanto, o reconhecimento e o prestígio entre pares se adquirem” (p. 295). O modelo tradicional, ao não acolher os sujeitos, empurra-os a buscarem por si formas de conhecimento sobre si e o mundo.

Tema Trabalho

O primeiro MC a abordar o trabalho questiona o sistema de recompensas salariais que condiciona a submissão à exploração. Espinosa (1957 *apud* Sawaia, 2009) afirma que os homens se submetem à servidão por serem tristes, amedrontados e supersticiosos, anulando suas potências de vida e tornando-se vulneráveis à tirania.

Ao dizer que faz RAP tocando corações e que ama o que faz, o MC expressa a dimensão afetiva e volitiva de sua atividade. Para ele, fazer RAP é mais do que um trabalho – é a vida em sua plenitude. Isso se aproxima da ideia de felicidade pública descrita por Sawaia (2004, p. 105), como a conquista da cidadania e da emancipação, para além dos bens materiais.

Ao afirmar a necessidade de “trilhar a estrada”, o MC mostra uma visão de mundo fundamentada na construção ativa da realidade – uma concepção histórico-materialista. Suas



produções, carregadas de afeto, funcionam como espelhos de si, promovendo identidade, autoconhecimento e atualização pessoal (Chauí, 2001).

Ao citar pessoas que cruzam fronteiras por causa do RAP, ele evidencia a força de rede do movimento, baseada em intercâmbio, cooperação e expansão do campo de ação, o que favorece a ruptura com a alienação e a apropriação da própria história (Sawaia, 2004).

Ainda que essa perspectiva pareça utópica, considerando a realidade socioeconômica, o MC nos reconecta ao cotidiano ao mencionar mães solo que trabalham para sustentar a casa – exemplo concreto de luta, troca e sobrevivência.

O segundo MC reforça essas reflexões ao mencionar a dificuldade de ascensão social no Brasil, a naturalização das desigualdades e a busca por vias informais e autônomas de trabalho (Guareschi, 1996). Ele relata formas alternativas de inserção na música, como a internet, contrapondo-se à indústria cultural que dita tendências. Também menciona o comércio ambulante como forma clandestina de sobrevivência (Oliveira, 2015).

Ambos trazem à tona situações cotidianas de trabalho remunerado que, embora não vividas diretamente por eles, os afetam. Como explica Espinosa (1957 p. 144 *apud* Sawaia, 2004, p. 101), os afetos se referem às afecções do corpo que aumentam ou diminuem sua potência de agir – e, ao mesmo tempo, às ideias dessas afecções. Isso evidencia uma consciência da espécie, a capacidade de indignar-se com a injustiça e solidarizar-se com os excluídos.

Tema Dinheiro

O primeiro MC que trata do tema propõe uma crítica direta às relações de poder desiguais da sociedade. Ao parafrasear os Racionais MCs – “Deus é uma nota de cem” – ele questiona a lógica de consumo e a moral dos opressores, que colocam o dinheiro como medida de todas as coisas.

Ele denuncia a ideologia dominante, que propaga a meritocracia e justifica o fracasso como falta de esforço individual. De acordo com Freire (2001) caridade dos opressores é apresentada como gesto de amor, mas, na prática, mantém os sujeitos em posição de dependência, impedindo a superação da condição de oprimidos. É assim que podemos pensar o “plano diabólico” citado pelo MC, que a Igreja Católica historicamente coloca em prática na sociedade.

A exploração também é retratada no cenário político, cada vez mais marcado por denúncias de corrupção, desvios de verbas públicas e pelo aumento de impostos e contribuições



previdenciárias para suprir uma suposta escassez de recursos. Esse contexto provoca o MC para o questionamento: até quando vamos suportar essa relação de dominação e exploração? A pergunta carrega a suposição de que são os próprios cidadãos que sustentam a desigualdade e que, portanto, também podem transformá-la.

Quando o MC afirma que “tomaram de assalto”, pode estar se referindo à violência estrutural instaurada pelos opressores – e não por aqueles que reagem à opressão. Nesse sentido, vale retomar Freire (2001, p. 42): “inauguram o desamor, não os desamados, mas os que não amam, porque apenas se amam”. O autor destaca que a origem da violência está naqueles que a instituem como forma de dominação, e não em suas vítimas.

Trata-se, portanto, de uma denúncia enfática, marcada por emoção e revolta. Essa indignação, expressa poeticamente, é capaz de produzir lapsos que traduzem a urgência de nomear a injustiça. Assim, o MC recorre a uma pergunta simples, mas carregada de significado: “quanto é que tem no banco?” e coloca em evidência a contradição entre a abundância dos bancos e a escassez enfrentada pela população.

Essa realidade se sustenta na miséria e na servidão, elementos fundamentais para a lógica do capitalismo e para a manutenção da ordem social. Como afirma Sawaia (2004, p. 108): “só essa ideia pode explicar por que um governo prioriza a saúde dos bancos em detrimento da saúde da população”.

O trocadilho usado pelo MC quando diz que “o dinheiro não é real” aponta para a ideia de que ele é uma construção social, um instrumento de mediação que compra a força de trabalho dos homens. Já a menção ao céu contrapõe essa lógica materialista a um espaço simbólico onde habitam valores humanos, morais e éticos – como se apontasse para uma dimensão de justiça e espiritualidade que o capitalismo não alcança.

O segundo MC complementa essa crítica, também parafraseando os Racionais MCs, ao afirmar que gostaria de coagir aquele que “inaugurou” esse sistema de exploração. Sua fala revela uma compreensão da realidade como obra dos próprios homens, e a violência como consequência de uma ordem social injusta, que não atende às necessidades da maioria e, por isso, gera sofrimento.

Na sequência, ele reflete sobre formas alternativas de organização econômica, inspiradas em experiências históricas, como o escambo. No entanto, sua análise não é ingênua: ele contrapõe essas possibilidades com a realidade contemporânea, marcada pela densidade demográfica e pela globalização, fatores que dificultam a viabilidade de tais sistemas.



Percebe-se que, em sua busca por uma alternativa justa e legítima para a organização social, o MC esbarra em contradições que, longe de empobrecerem seu discurso, revelam um importante processo de elaboração crítica. A contradição conduz ao desvelamento – ou insight – das estruturas que sustentam a exclusão e a desigualdade. Sua fala conclui com a defesa de que o trabalho é necessário, sim, mas deve pressupor igualdade de acesso aos direitos básicos, à cultura e ao lazer.

As contradições que emergem nos discursos dos participantes não devem ser vistas como incoerências, mas como reflexo das condições materiais de suas existências, refletidas em suas subjetividades. Como aponta Martínez (2005 *apud* Santos, 2014, p. 47), "um indivíduo pode abarcar conjuntamente características e concepções contraditórias". González Rey (2005 *apud* Santos, 2014, p. 48) complementa que "toda produção de sentidos subjetivos é fruto da tensão entre os sentidos que surgem no decorrer da ação do sujeito e os sentidos que precedem esse momento".

O questionamento crítico e a reflexão a que esses temas são submetidos revelam o caráter emancipatório do movimento. Nos MCs, identifica-se uma referência de resistência que emerge justamente da articulação entre vivência, indignação e criação poética. Essa hipótese se confirma nas composições que citam outros artistas como fontes de influência, compondo uma rede de significados compartilhados, reafirmados e atualizados no viver cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização social na qual estamos inseridos não visa, de forma equânime, a satisfação das necessidades comuns a todos os seres humanos. Ao contrário, as normas de conduta são determinadas por uma classe dominante, que estabelece regras alinhadas aos seus próprios interesses. Essas normas sustentam um sistema voltado ao acúmulo de bens por meio da exploração do trabalho dos dominados, disseminando, para toda a sociedade, um ideal de produtividade e competitividade no qual todos devem se encaixar, encontrar um lugar e nele permanecer.

A pesquisa evidencia que nem todos conseguem ocupar um espaço nesse sistema. Muitos vivem um conflito entre o que seria melhor para si e o que é esperado socialmente. Nesse cenário, enfrentam barreiras concretas e simbólicas: crenças, valores e representações



sociais que lhes são impostas de fora, exigindo que busquem, em seu interior, o sentido de suas ações.

A produção simbólica observada nesse grupo reflete tal contradição. Por meio das composições analisadas, nota-se que, a partir de suas vivências cotidianas, esses sujeitos constroem valores éticos atravessados por sentimentos, desejos e necessidades. As “batalhas de conhecimento” — encontros sociais marcados por energia e disposição — promovem a união de indivíduos em um movimento que convida à reflexão sobre a vida, permitindo a crítica às estruturas que os oprimem. Essa forma de organização favorece a potencialização de virtudes (Sawaia, 2004).

A escola, o trabalho e o dinheiro foram temas abordados, pensados e elaborados pelos MC's. Não se trata de uma mera intelectualização ou racionalização dos conteúdos, mas de relatos afetivos, vividos e sentidos.

O simples fato de estarem inseridos na trama social, dizendo e fazendo-se ouvir, configura-se como uma participação política. Dessa forma, essas manifestações dão voz às insatisfações e necessidades do grupo, promovendo o pensamento crítico e o questionamento da construção desigual e perversa das relações sociais que sustentam a sociedade contemporânea.

O caráter emancipatório do movimento se revela justamente na capacidade de provocar reflexões críticas e de questionar a ordem estabelecida. Assim, os objetivos da pesquisa foram atingidos, e a metodologia adotada mostrou-se adequada à realização do estudo.

Essas experiências comunitárias representam um saber coletivo valioso. Através da autogestão e da autonomia, promovem a reflexão aliada à ação, inserindo os sujeitos em espaços de escuta e expressão. Resgatam, ainda, a memória histórica como ferramenta para pensar o presente — quem se é e como se vive.

Além de fomentar o debate crítico sobre a ordem social vigente, essas práticas fortalecem os vínculos e o sentido de comunidade, potencializando as virtudes individuais e coletivas. São, portanto, estratégias fundamentais da Psicologia da Libertação, conforme defendido por Martín-Baró (2011), e sustentam a hipótese de que tais movimentos podem, sim, contribuir para a emancipação social dos indivíduos.

**REFERÊNCIAS**

- CHAUÍ, M. **O Que É Ideologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.
- COELHO, T. **O Que é Ação Cultural**. 1ªed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- CUPERTINO, C. M. B. **Espaços de Criação em Psicologia: oficinas na prática**. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2008.
- DALLARI, D. A. **O Que é Participação Política**. 13ªed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro. n. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em 10 fev. 2018.
- FREIRE, P. Justificativa da Pedagogia do Oprimido. *In: Pedagogia do Oprimido*. 31ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- GUARESCHI, P.A. **Psicologia Social Crítica: Como Prática e Libertação**. 4ª ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- GUARESCHI, P.A. Relações Comunitárias – Relações de Dominação. *In: CAMPOS, R.H.F (org.). Psicologia Social e Comunitária: da Solidariedade à Autonomia*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MARTÍN-BARÓ, I. A Desideologização como Caminho para uma Psicologia da Libertação. *In: GUZZO, R.S.L; LACERDA, JÚNIOR, F. e cols. Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação*. 2ª ed. São Paulo: Alínea, 2011.
- MELLO, L.S. A Violência Urbana e a Exclusão de Jovens. *In: SAWAIA, B. B. As Artimanhas da Exclusão*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- OLIVEIRA, R.C. **RAP e Política: percepções da vida social brasileira**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2015.
- SANTOS, L. N. **A Psicologia na Assistência Social: convivendo com a desigualdade**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- SAWAIA, B. B. **As Artimanhas da Exclusão**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- SAWAIA, B. B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 364-372, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000300010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 18 mai. 2018.



SIMOES, J.A; CAMPOS, R. Articulações entre a rua e o digital nas práticas culturais juvenis: os casos do RAP de protesto e graffiti ilegal em Portugal. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 18, n. 43, p. 272-299, 2016. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222016000300272&lng=en&nrm=iso. Acesso em 22 mar. 2018.

TEPERMAN, R. I. Improviso decorado. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 56, p. 127-150, dec. 2013. ISSN 2316-901X. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/68807>. Acesso em: 22 mar. 2018.